



5 POTENCIALIDADES DE UM DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

POTENTIALS OF A TRAINING DEVICE ON VIOLENCES AND DEPENDENCIES

Andreia Esteves³⁰, Andreia Teixeira³¹, Maria Moreira³², Vitor Teixeira³³, Teresa Vilaça³⁴, Duarte Barros³⁵

Resumo

A educação para a saúde é crucial para a capacitação das pessoas para agirem no sentido de controlarem os determinantes da sua saúde e da saúde da sociedade onde vivem. Estas intervenções devem ter lugar em múltiplos contextos como a escola, o trabalho e outras instituições educativas. As intervenções devem ser realizadas por organismos educacionais e profissionais. Desta forma, a educação para a saúde tem-se mostrado eficiente no que toca à prevenção e reeducação para evitar conflitos e problemas sociais. Neste contexto, no âmbito do Projeto Nacional de Educação pelos Pares da Fundação Portuguesa “A Comunidade contra a Sida”, foi feito um diagnóstico de necessidades de formação numa turma de 7º ano de escolaridade, de uma Escola Básica situada em Guimarães, que fez surgir o seguinte problema de investigação e intervenção: Como evoluem as competências pessoais e o conhecimento dos alunos ao longo do projeto sobre bullying, cyberbullying, violência no namoro e dependências? Os dados para a avaliação da intervenção foram reunidos utilizando um inquérito por questionário inicial para aprofundar o levantamento de necessidades e a observação participante com a escrita de diários de bordo.

Palavras-chave: Competências pessoais; Dependências; Violências.

Abstract

Health education is crucial when it comes to empowering people to learn throughout their lives, preparing for all stages of their evolution, and combating social problems. These interventions must take place in multiple contexts such as school, work, and other educational institutions. Interventions must be carried out by educational and professional bodies. Thus, health education has been shown to be efficient in terms of prevention and re-education to avoid conflicts and social problems. In this context, within the scope of the Portuguese Peer Education Project of the Portuguese Foundation “The Community against AIDS”, a diagnosis of training needs was made in a class of 7th year of schooling, at the School located in Guimarães, which brought up the following research and intervention problem: How do students' personal skills and knowledge

³⁰Finalista Licenciatura em Educação, Universidade do Minho, Portugal, neia18112000@gmail.com

³¹Finalista Licenciatura em Educação, Universidade do Minho, Portugal, andreiafilipateixeira@gmail.com

³²Finalista Licenciatura em Educação, Universidade do Minho, Portugal, mariajosemoreira.1997.mjms@gmail.com

³³Finalista Licenciatura em Educação, Universidade do Minho, Portugal, vhg05@gmail.com

³⁴Professora Auxiliar, investigadora integrada CIEC, Universidade do Minho, Portugal, tvilaca@ie.uminho.pt

³⁵Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens, Portugal, duartebarros.caoj@gmail.com

evolve over the course of the project on bullying, cyberbullying, violence in relationships and addictions? The information for the evaluation of the intervention was gathered using an initial questionnaire survey to deepen the needs assessment and participant observation with the writing of logbooks.

Keywords: Personal skills; Dependencies; Violence.

Introdução

A educação para a saúde tem elevada importância no que toca à capacitação das pessoas ao longo da vida, para combaterem problemas de saúde e sociais, como as violências e os consumos. O Projeto Nacional de Educação pelos Pares da Fundação Portuguesa “A Comunidade contra a Sida” (FPCCSIDA) é um projeto de educação para a saúde que visa promover sexualidades saudáveis e prevenir as infeções sexualmente transmissíveis, nomeadamente os cofatores para comportamentos de risco sexual como o consumo excessivo de álcool e o uso de drogas ilegais.

A FPCCSIDA é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos, que foi fundada em 1993. A sua sede localiza-se em Lisboa e tem oito delegações a nível nacional, localizadas em: Lisboa, Porto, Coimbra, Beira Alta (Seia), Setúbal, Madeira (Funchal), Guimarães e Vila do Conde.

Segundo Aguiar, presidente do conselho de administração da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a SIDA”, esta foi criada para apoiar pessoas afetadas pelo VIH/SIDA e seus familiares, e desenvolve Ações e Projetos orientados para:

- A prevenção primária da SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis;
- A reintegração socioprofissional de seropositivos e doentes com SIDA;
- A cooperação com as autarquias aproveitando as suas capacidades de intervenção nas áreas social, da educação e da saúde de molde a incrementar a educação cívica e a luta contra a SIDA e toxicodependência.

Um dos projetos mais importante desenvolvidos pela FPCCSIDA é o Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens (CAOJ). Este está organizado em quatro núcleos de intervenção: Núcleo de Apoio e Aconselhamento; Núcleo de Documentação e Informação; Núcleo de Teatro de Intervenção Educativa (TUI); Núcleo de Formação. De acordo com Vilaça T., Aguiar, Duque, Barros, Teixeira, Vilaça H. (2017),

O Núcleo de Apoio e Aconselhamento é constituído por voluntários/as que são alunos/as e profissionais de Psicologia. Estes dão apoio a jovens infetados/as e às suas famílias, aconselham todos os/as jovens no âmbito da saúde, sexualidade, gravidez não desejada, e toxicod dependência, presencialmente ou por telefone. Estes/as voluntários/as ainda colaboram na conceção, desenvolvimento e avaliação de projetos e ações na área da sexualidade e sida, em meio social e institucional, e no estabelecimento de parcerias e protocolos com outras instituições para desenvolvimento de projetos.

No Núcleo de Documentação e Informação, os/as voluntários/as são os/as responsáveis pela pesquisa bibliográfica que apoia a planificação, desenvolvimento e avaliação dos projetos, pela recolha e arquivo de documentação, e pela produção de folhetos informativos, produção e adaptação de materiais pedagógicos e elaboração dos relatórios de avaliação.

No Núcleo de Teatro de Intervenção Educativa (TUI), os participantes produzem peças e sketches que focam problemáticas da adolescência, utilizando a técnica de narrativa “aberta” e a metodologia de teatro-fórum. Por último, o Núcleo de Formação desenvolveu o Projeto Nacional de Educação pelos Pares que visa a apresentação e desenvolvimento de projetos na área da promoção e educação para a saúde e sexualidade nas escolas, a formação de voluntários/as universitários/as que dinamizam as atividades de educação pelos pares, o apoio à (auto)formação de professores/as na área da sexualidade e sida, e a orientação de sessões de informação e sensibilização para pais/mães e outros/as agentes educativos/as. Este núcleo está articulado com os restantes com o intuito de desenvolver um trabalho em rede com outras entidades e incluir um maior número de jovens tendo sempre em vista a pertinência e justificação das intervenções” (p. 122).

Para a realização do Projeto Nacional de Educação pelos Pares, os voluntários, realizam uma formação com uma duração total de 16 horas, com a finalidade de os habilitar com conhecimentos e competências essenciais para se tornarem educadores dos seus pares a nível da educação sexual e prevenção da infeção pelo VIH/ Sida. Esta formação está dividida em duas partes: a componente do conteúdo científico de saúde, com uma duração de sete horas, e a componente pedagógica, com uma duração de nove horas. No final, aqueles que demonstrarem motivação serão recrutados para fazer parte de grupos constituídos por 3 a 5 elementos, designados como Brigadas Universitárias de Intervenção (BUIs). Cada BUI terá um professor designado pela CAOJ a acompanhá-los, que irá planificar e avaliar em conjunto com os voluntários, as sessões a realizar nas turmas. Este desenvolve-se ao longo de três anos letivos, iniciando-se no 7º ano.

Deste modo, os voluntários, estudantes universitários, participam ativamente no PNEP, procurando construir sessões interativas para os alunos do ensino básico, não caindo na mera exposição temática. No decorrer do projeto eles têm a oportunidade de compreender como se implementa um projeto de educação para a saúde e tirar dúvidas sem preconceitos com o professor do CAOJ que os supervisiona, sobre as suas vivências, receios e curiosidades como educadores de pares mais jovens.

Este Projeto Nacional de Educação pelos Pares, onde os voluntários universitários são formados para trabalhar com alunos do ensino básico e secundário sobre temas de educação para

a saúde, tais como doenças sexualmente transmissíveis, autoestima, puberdade entre outros, tem as seguintes características distintivas:

Integra-se no currículo da escola; faz parte das atividades do Plano de Atividades do Agrupamento de Escolas, através de um protocolo estabelecido entre a Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra a Sida” e o Agrupamento de Escolas; desenvolve uma equipa de partes interessadas comprometidas com o sucesso da implementação do projeto; aproveita os recursos existentes dentro do Agrupamento (profissionais docentes e não docentes, alunos/as e espaço); utiliza o poder dos pares mais velhos para influenciar positivamente atitudes e comportamentos de colegas mais jovens através da lecionação de aulas e realização de atividades extra-aula interativas, que incluem atividades de aprendizagem fundamentalmente em pequenos grupos; oferece formação abrangente para os/as voluntários/as estudantes universitários/as, posteriormente organizados em brigadas universitárias de intervenção (BUI) e a sua formação continua durante a implementação do projeto de educação pelos pares nas escolas básicas e secundárias, como será explicado na secção seguinte.” (Vilaça, T. et al., 2017, p.253).

Contudo, de forma a responder às necessidades sociais encontradas, “o CAOJ Porto adaptou este projeto a instituições não escolares, nomeadamente à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM), Centro de Reinserção Social, Estabelecimentos Prisionais e a um Lar de Infância e Juventude Especializado”. (Vilaça, T. et al., 2017, p.123) e em Guimarães, em 2020, adaptou-o às pessoas em situação de sem-abrigo.

Foi neste contexto que os quatro primeiros autores deste capítulo desenvolveram e avaliaram um dispositivo de formação sobre dependências e violências, como parte do seu trabalho na Unidade Curricular de Projeto e Seminário: Dispositivos e Metodologias de Formação e Mediação, do 3º ano da Licenciatura em Educação da Universidade do Minho.

Para poder integrar a equipa de voluntários da FPCCS, primeiro fizemos uma formação científica e pedagógica na Fundação, para podermos constituir uma Brigada Universitária de Intervenção (BUI), que fez educação pelos pares numa turma de 7º ano de escolaridade, sob a supervisão de professores destacados pelo Ministério da Educação para o Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens (CAOJ) de Guimarães, da FPCCS.

A construção do dispositivo de formação começou pela realização de um diagnóstico de necessidades de formação numa turma de 7º ano de escolaridade de uma Escola Básica em Guimarães, que fez surgir o seguinte problema de investigação e intervenção: Como evoluem as competências pessoais e o conhecimento dos alunos ao longo do projeto sobre *bullying*, *cyberbullying*, violência no namoro e dependências?”

Problematização Teórica

Importância do Desenvolvimento de Competências Pessoais nos Jovens

Vivemos numa era de mudanças, na qual cada dia é uma conquista, é a vitória de mudar o pensamento e valorizar o outro. É uma época de desenvolvimento de competências pessoais em que se valoriza cada vez mais o desenvolvimento do autoconhecimento, do autoconceito, da autoestima e da autoimagem nos jovens (Martins, Dantas, Pinheiro, 2011).

As competências pessoais são o motivo da nossa existência, elas definem quem somos e como nos transformam a cada dia, podendo não se encontrar todas ao mesmo nível de desenvolvimento (Martins et al., 2011). Entre as competências pessoais encontramos o autoconhecimento, o autoconceito, a autoestima e por fim a autoimagem.

O autoconceito “pode ser definido de uma forma simples, como a percepção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito que, devido a isso, forma de si.” (Serra, 1988, p.101). Deste modo, segundo o psicoterapeuta Nathaniel Branden, (1995) o

O nosso AUTOCONCEITO é quem e o que consciente e inconscientemente achamos que somos – nossas características físicas e psicológicas, nossos pontos positivos e negativos e, acima de tudo, nossa autoestima. A autoestima é o componente AVALIADOR do autoconceito.

O nosso autoconceito determina o nosso destino, isto é, a visão mais profunda de nós mesmos influencia todas as nossas escolhas significativas e todas as nossas decisões e, portanto, determina o tipo de vida que criamos para nós.” (p.3)

A autoestima “é uma força poderosa que existe no interior de cada um de nós. Ela abrange muito mais do que o senso inato de valor pessoal, que presumivelmente, é um direito humano conquistado quando se nasce...” (Braden, 1996, p.7). Branden (1996) diz-nos, ainda, que a autoestima é a vivência de sermos apropriados á vida e às exigências que ela coloca. Mais especificamente, na sua perspectiva a autoestima é:

- 1.A confiança na nossa capacidade de pensar e enfrentar os desafios básicos da vida.
- 2.A confiança no nosso direito de ser feliz, a sensação de que temos valor, de que somos merecedores, de que temos o direito de expressar as nossas necessidades e desejos e de desfrutar os resultados dos nossos esforços.” (Braden, 1996, p.8)

Por fim, a autoimagem é a competência que mais afeta os jovens. Por um lado, torna cada um único com o seu próprio estilo, por outro lado, cria um julgamento e impõem ao ser

humano uma forma de agir devido á sua aparência (Schultheisz & Aprile, 2013). Schultheisz e Aprile (2013) dizem-nos que:

A autoimagem acaba por ser uma forma do indivíduo se ver, posto que apreende as informações que lhe são fornecidas e, muitas vezes, impostas ao seu comportamento, à sua aparência física e à sua produção cognitiva.

A autoimagem tem função adaptativa e reguladora uma vez que incorpora memórias episódicas e semânticas, traços e valores que concorrem para a manutenção e estabilidade do self, permitindo às pessoas fazerem projeções para as suas vidas e se autoavaliarem, planejando e avaliando o desempenho dos seus papéis, entre outros. (Schultheisz & Aprile, 2013, p.40)

Em síntese, atualmente sabe-se que é importante trabalharmos com os jovens o autoconhecimento, o autoconceito, a autoestima e a autoimagem, uma vez que é a partir do desenvolvimento destas competências que os jovens podem tornar-se saudáveis psicologicamente e serem felizes.

Prevenção do Bullying na Adolescência

Bullying é uma palavra proveniente do verbo inglês bully, uma expressão utilizada para indicar uma “pessoa intimidadora”, muitas vezes agindo de forma agressiva, utilizando vantagens físicas ou morais para intimidar, e amedrontar em prol do seu prazer ou benefício. Algumas atitudes, podem, de forma direta ou indireta, ser consideradas práticas de bullying, como, por exemplo, quando a vítima recebe um leque vasto de “brincadeiras” maldosas que ultrapassam o respeito e, muitas vezes, chegam a ameaçar a segurança física e psicológica da vítima. O *bullying* acontece, segundo Olweus (1999), quando “um estudante está sendo vitimizado, quando é exposto repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes” (p. 10). O *bullying* começa muitas vezes como sendo uma espécie de “brincadeira”, mas a partir do momento em que a brincadeira fere a liberdade e a integridade de outra pessoa, deixa nesse exato momento de ser uma brincadeira e passa automaticamente a ser violência.

Existem vários tipos de violência, nomeadamente (Candau, Lucinda, & Nascimento, 1999): *a violência física* que se caracteriza pelo recurso à força como forma de intimidar; *a violência sexual*, que é um abuso do poder, onde crianças, adolescentes ou até adultos são forçados a práticas sexuais, muitas vezes com violência física; *a violência verbal*, ou seja insultos repetidos dirigidos a uma mesma pessoa, este tipo de violência encontra-se um pouco ligada com a psicológica; *a violência psicológica*, que consiste em comportamentos específicos e psicológicos

sobre as vítimas gerando rejeição, discriminação, indiferença e desrespeito; *a violência cultural*, que acontece quando se impõe um conjunto de valores a alguém desrespeitando a sua identidade cultural e os seus próprios valores; *a violência política*, que se manifesta, por exemplo, com atos terroristas, e que muitas das vezes ainda recorrem à violência física e a imposições ideológicas e opressão social.

É crucial que estes tipos de *bullying* sejam tidos em conta na escola, pois quando as crianças sofrem de *bullying* desde pequenas isso vai repercutir-se na idade adulta.

Como refere Abramovay (2005), a violência na escola é um fenómeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas. Infelizmente, em ambiente escolar as manifestações de violência são comuns, por isso, é fundamental que se antecipem soluções para o aparecimento do problema e que se reparem os que já tiverem surgido, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar.

Violência no Namoro

Apesar de sermos uma sociedade que está em constante evolução, a verdade é que o tema da violência no namoro continua a ser bastante atual e, infelizmente, tem-se arrastando desde há imenso tempo para cá. Hoje em dia, somente uma minoria de jovens recebe a devida formação na área de educação sexual, o que os deixa vulneráveis a ameaças, abusos, exploração, gravidez não desejada e doenças sexualmente transmissíveis, como o VIH/Sida (UNESCO, 2010). As repercussões do desconhecimento deste assunto, numa sociedade que se diz em constante evolução, fazem emergir a necessidade de introduzir a educação sexual de forma a ser dada com adequação à idade, com informações cientificamente corretas, objetivas e sem pré-julgamentos (Afonso & Teixeira, 2015).

O combate à violência doméstica, abrangendo a violência no namoro, tem vindo a admitir-se como um dos objetivos fundamentais para que se alcance uma sociedade mais justa e equitativa (Afonso & Teixeira, 2015). O estabelecimento de laços de ligação entre pessoas é um comportamento natural e racional de todo o ser-humano, podendo este assumir-se de forma positiva ou negativa, sendo o conflito parte integrante, mas não quando chega a violência, seja ela

de que tipo for. De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2014), a violência no namoro é, então, um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou mesmo por ambos) numa relação de namoro, e que tem como objetivo controlar, dominar ou ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação.

Ao longo dos últimos tempos, vários investigadores têm-se dedicado ao entendimento dos vários tipos de violência por parte do parceiro, como a ameaça de violência física, psicológica, sexual ou stalking (Ferreira, 2013). No ponto de vista de Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães (2013), violência é a ameaça ou o uso intencional da força ou do poder, abrangendo os atos de agressão física, psicológica e sexual, alicerçados muitas vezes em concepções sociais e culturais estereotipadas. Acrescenta-se ainda que os mesmos autores mencionam que a violência é um “fenómeno de grande abrangência e complexidade em que o conceito de condutas aceitáveis e não aceitáveis é influenciado pela cultura e sujeito a uma constante transformação, podendo manifestar-se de forma subtil como a violência emocional ou o insulto verbal, ou com forte evidência, como na agressão física” (Ventura et al., 2013, p. 96).

Posto isto, é importante referir que existem várias formas de violência no namoro, tais como: violência física; a violência sexual; violência verbal; violência psicológica; violência social; e stalking.

A violência física fundamenta-se no grau de ameaça à vida da vítima, usando força física ou de limitação, que tem como principal objetivo provocar dor ou dano a outrem (Félix, 2012). Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), violência física consiste em atos de agressão física como: empurrões; quando o agressor agarra ou prende a vítima; quando lhe atira objetos; esbofeteia; dá pontapés e/ou murros; e quando ameaça usar a força física ou a agressão. A violência física é o segundo tipo de violência mais executada em Portugal (26.9%) (APAV, 2014).

Relativamente à violência psicológica, podem ser considerados dois subtipos: o emocional/verbal e o domínio/isolamento. Este tipo de violência baseia-se no ato de humilhar ou embaraçar a vítima com o objetivo de a afetar, torná-la submissa e isolá-la de outros indivíduos. A violência emocional/verbal abrange comportamentos como gritar, ofender e/ou insultar em frente a outros, enquanto a violência com apoio no domínio/isolamento abrange todas as tentativas de dominar e controlar o/a parceiro/a, como por exemplo controlar dispositivos eletrónicos e limitar o comportamento social (Ferreira, 2013). A violência a nível psicológico é o tipo de violência mais executada em Portugal (36.8%) (APAV, 2014).

No caso da violência sexual esta inclui três elementos (Leen et al., 2013): o uso da força física; o não consentimento da pessoa, ou seja, o individuo recorre à força para obrigar determinada pessoa a praticar o ato sexual (seja este concluído ou não); a tentativa ou conclusão de ato sexual com uma pessoa incapaz de se defender e de compreender a natureza ou condição do ato ou até mesmo de recusar a participação devido a uma doença, deficiência, influências de álcool ou outras drogas, ou mesmo por meio de intimidação ou pressão; e por fim, o contacto sexual abusivo, isto é o toque sexual indesejado ou toque intencional de uma pessoa de capacidade diminuída.

Atualmente, existe outro tipo de violência denominado de stalking. Este tipo de violência determina-se por um alvo (vítima), que pode sofrer de um comportamento de assédio persistente seja através da comunicação, da vigilância e/ou monitorização de um indivíduo com impacto negativo (Dixe et al., 2010). Esta forma de violência é particularmente inquietante pois pode afetar qualquer pessoa, independentemente do sexo, orientação sexual, etnia, faixa etária ou classe social (Gomes, 2017). O stalking está relacionado com os outros tipos de violência e deve ser reconhecido como um tipo de violência particular e não como um subtipo de abuso psicológico (Ferreira, 2013).

Um estudo realizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) (2020), realizado anualmente desde 2017 e em que participam jovens do 7º ao 12º ano de escolaridade, mostra-nos que 58% dos jovens que namoram ou já namoraram reportam já ter sofrido pelo menos uma forma de violência por parte do atual e/ou ex-companheiro/a e também 67% de jovens consideram como natural algum dos comportamentos de violência. Só por estes dados, já alertamos para a enorme gravidade do problema que temos em mãos. Dizemos isto, porque sendo os jovens o nosso futuro, as repercussões que estes comportamentos podem vir a ter mais tarde são catastróficas e muito prejudiciais para as vítimas.

Método

Metodologia de Intervenção e Avaliação

O Projeto Nacional de Educação pelos Pares foi realizado ao longo de doze sessões semanais de quarenta e cinco minutos, onde foram elaboradas várias dinâmicas sobre diferentes

temas. Todas as sessões foram planejadas e desenvolvidas a partir de um diagnóstico de necessidades de formação do público-alvo. Durante a formação recorreu-se a metodologias ativas e participativas, de modo a estimular e a desenvolver nos participantes as devidas competências para prevenir comportamentos de risco entre os jovens.

O principal objetivo do projeto foi analisar como evoluíam os conhecimentos dos participantes sobre: as competências pessoais; bullying, cyberbullying e a sua prevenção; violência no namoro e como o prevenir; e consumos e novas dependências e como os prevenir. O projeto pretendeu proporcionar aos jovens um espaço e ambiente cooperativo e colaborativo de modo a que se sentissem à vontade para expressarem ideias, opiniões, dúvidas, sentimentos e emoções sobre os temas ou assuntos que pretendiam falar. O plano de ação do projeto encontra-se no quadro 1.

Quadro 1. Plano de ação do Projeto Nacional de Educação pelos Pares

Sessão	Eixo de Ação	Tarefa	Atividade
Sessão 1	Eixo 1 Competências pessoais	Tarefa 1 Autoestima e Autoconfiança	Atividade 1: “Será que te conheço?” Atividade 2: “Quem sou eu?”
Sessão 2		Tarefa 2 Empatia	Atividade 1: “Jogo das Cores” Atividade 2: “Laços de Amizade”
Sessão 3			
Sessão 4	Eixo 2 Bullying e Cyberbullying	Tarefa 3 Bullying e Cyberbullying	Atividade 1: “Reconhecer os tipos de bullying” Atividade 2: “E se fosse contigo?” Atividade 3: “Amor ou abuso” Atividade 4: “Amanda Todd”
Sessão 5			
Sessão 6			
Sessão 7	Eixo 3 Violência no Namoro	Tarefa 4 Violência no namoro	Atividade 1: “E se fosse contigo? – Homens” Atividade 2: “Violência no namoro” Atividade 3: “Amor ou abuso” Atividade 4: “O que é a violência no namoro e o que fazer?”
Sessão 8			
Sessão 9	Eixo 4 Consumos e Novas Dependências	Tarefa 5 Consumos e Novas Dependências	Atividade 1: “Consumos e dependências”
Sessão 10			
Sessão 11			
Sessão 12	Eixo 5 Avaliação final do projeto	Tarefa 6 Avaliação final	Atividade 1: Questionário Final

No quadro acima está apresentado o plano de ação pelo qual o grupo, constituído como BUI, se orientou no decorrer da implementação do projeto. As sessões iniciaram no dia 24 de fevereiro de 2021. Apesar da situação pandémica, as sessões realizaram-se tanto a nível presencial como online.

Na primeira sessão, o grupo teve como objetivo apresentar-se à turma e apresentar o projeto, nomeadamente como iria funcionar e quem o iria implementar. Após esta apresentação, foram feitas duas atividades: “Será que te conheço?” e “Quem sou eu?”, em que alunos desenvolveria o autoconhecimento, autoestima e autoimagem. Na primeira atividade cada um dos elementos da turma apresentou um dos seus colegas, dando sobre ele o máximo de informações que soubesse. Na segunda atividade, cada elemento da turma respondeu a uma série de perguntas sobre si próprio dando a conhecer mais de si e completando as informações dadas pelos colegas na atividade anterior.

Na segunda e terceira sessões, o grupo teve como objetivo desenvolver a capacidade de empatia, desenvolver o espírito de cooperação e ajuda, e, ainda, desenvolver a autoestima, o autoconhecimento e o autoconceito. Nesta sessão foram desenvolvidas duas atividades: a atividade “Jogo das cores” e a atividade “Laços de Amizade”. Na primeira atividade foi apresentado um leque de cores com um sentimento. Cada aluno escolheu uma cor com um sentimento positivo e uma cor com um sentimento negativo e, seguidamente, explicou o porquê de as terem selecionado. Após as suas explicações, cada aluno ofereceu uma cor com um sentimento positivo a um colega para compensar o seu sentimento negativo, mas tendo sempre em atenção que não poderiam dar o sentimento que tinham recebido de outrem ou atribuir o sentimento positivo ao colega que o tinha oferecido. Na segunda atividade, os alunos escreveram num papel duas características pessoais, em que uma seria uma qualidade e outra um defeito. Seguidamente, à medida que os alunos iam dizendo as suas características, foram apontando no mesmo papel os colegas com os quais se identificavam em termos de características. Após apontarem as características, os alunos explicaram com quem se identificavam.

Na quarta e quinta sessões, o grupo deu início ao tema Bullying com os seguintes objetivos: verificar os pré-conceitos dos alunos em relação ao Bullying; dar a conhecer o conceito de Bullying e os seus vários tipos; e desenvolver competências de empatia. Nesta sessão foram desenvolvidas três atividades: “Reconhecer os tipos de bullying”, “E se fosse contigo?” e “Bullying e as suas caras”. Na primeira atividade foi apresentado aos alunos um PowerPoint com vários exemplos de bullying e, seguidamente, os alunos disseram quais eram os exemplos que se encaixariam na prática de bullying. Na segunda atividade, foi apresentado um vídeo à turma que mostrava um caso de bullying. Após a visualização do vídeo, os alunos responderam a uma série

de perguntas relacionadas com este mesmo vídeo. Na terceira atividade, apresentaram-se aos alunos os vários tipos de bullying e as suas características.

Na sexta sessão, o grupo deu início ao tema Cyberbullying e teve como objetivos dar a conhecer o conceito de Cyberbullying e os seus vários tipos e desenvolver competências de empatia. Nesta sessão foi desenvolvida uma atividade: “O que farias no caso de Amanda Todd?”. Nesta atividade foi apresentado aos alunos um vídeo que retratava um caso real de Cyberbullying. Consequentemente, após a visualização do vídeo, os alunos responderam a uma série de perguntas relacionadas com o vídeo.

Na sétima sessão, o grupo deu início ao tema “Violência no namoro” e pretendeu: dar a conhecer o conceito de violência no namoro e os seus vários tipos e desenvolver competências de empatia e de ajuda para com o próximo. Nesta sessão foram desenvolvidas três atividades: “E se fosse consigo (Homens vítimas de violência)” ; “Violência no Namoro”; e “Amor ou abuso”. Na primeira atividade, foi apresentado aos alunos um vídeo que retratava um caso de violência doméstica sobre os homens. Após a visualização do vídeo, os alunos responderam a uma série de perguntas relacionadas com o vídeo. Na segunda atividade, também foi apresentado um vídeo sobre um caso de violência no namoro e responderam a outra série de perguntas. Na terceira atividade os alunos, também, assistiram a um vídeo que retratou um caso de violência no namoro, e, seguidamente, responderam a uma série de perguntas.

Na oitava sessão, o grupo apresentou o mesmo tema e os mesmos objetivos apresentados na sétima sessão. Nesta sessão terminou-se a atividade “Amor ou abuso” e foi implementada a atividade “O que é a violência no namoro e o que fazer”, onde se falou no conceito de violência no namoro e expuseram conteúdos relacionados com o tema.

Na nona e décima sessões, o grupo finalizou o tema “Violência no namoro” com a atividade “O que é a violência no namoro”. Nesta atividade, usando o método de discussão, trabalhamos o conceito de violência no namoro, as suas causas e consequência. Nesta sessão ainda se iniciou o tema “Consumos e Novas Dependências”. Com a atividade “Consumos e dependências” exploramos com os alunos uma apresentação em PowerPoint e três vídeos. Na décima primeira sessão, continuou-se o tema “Consumo e Novas Dependências”, mas desta vez houve a visualização de quatro vídeos, havendo no fim de cada vídeo uma pequena discussão.

Por fim, na décima segunda e última sessão realizada, os alunos realizaram um questionário final para avaliação do projeto.

Avaliação do Projeto

Com o diagnóstico inicial para definir a situação problema, conseguimos ter uma noção daquilo que os alunos sabiam acerca dos temas que iríamos trabalhar nas aulas e quais os temas que gostariam mais de trabalhar. Este questionário foi anónimo e nenhum aluno se sentiu pressionado ou envergonhado, ficando com a percepção de que as suas respostas foram sinceras.

No final de cada sessão, a BUI realizou um Diário de Bordo para conseguir recolher os dados da sessão bem como fazer um balanço da mesma, analisando se todas as atividades foram dinamizadas, se a sessão foi produtiva e cumprida de forma correta e, ainda, se todos os objetivos foram atingidos. Para além do Diário de Bordo, a BUI fez ainda uma reflexão no final de cada sessão para ter uma melhor percepção de como esta correu, o impacto que teve, o que falhou e ainda aquilo que poderia ter sido feito de forma diferente.

Por fim, na última sessão, a BUI aplicou novamente um questionário e, dessa forma, conseguimos ver como evoluíram as conceções e atitudes dos alunos sobre os temas tratados, saber o que queriam abordar no próximo ano, o gostaram ou não gostaram no projeto e, ainda, a sua opinião acerca da BUI que dinamizou as sessões.

Resultados

No questionário final (n=26), a maior parte dos alunos disse que gostava de abordar no PNEP no próximo ano as drogas (n=24; 92.2%), o bullying (92.2%), a violência no namoro (n=18; 69.2%) e o cyberbullying (n=6; 23.1%), que foram os temas que a BUI abordou no presente ano letivo (Figura 1). Houve ainda outros temas que os alunos referiram em muito menor percentagem, como por exemplo: perigos da internet (19.2%); discriminação (15.4%); assaltos (7.7%); doenças (7.7%); feminismo (3.8%); alimentação saudável (3.8%); emoções (3.8%); e educação sexual (3.8%). Assim, parece podermos concluir que os alunos gostavam de aprofundar mais os temas tratados, do que abordar temas novos.

Quando se compara os temas/problemas que os alunos gostariam de abordar no início deste ano letivo (questionário inicial) com os que gostariam de abordar no próximo ano letivo (questionário final), após um ano de projeto, verificou-se que no questionário inicial houve respostas mais diversificados e em maior número. No questionário inicial (n=26), os temas

escolhidos foram: bullying (65.3%); cyberbullying (46.1%); sexo (26.9%); direitos humanos (26.9%); violência doméstica/namoro (46.1%); relações tóxicas (7.7%); racismo (23.1%); ensino (11.5%); vídeo jogos (11.5%); educação sexual (23.1%); abuso sexual (3.8%); doenças sexualmente transmissíveis (3.8%); problemas familiares (3.8%); consumo de substâncias e álcool (34.6%); educação ambiental (7.7%); saúde mental (15.4%); homofobia (3.8%); adolescência (3.8%); alimentação (7.7%); puberdade (11.5%); LGBTQ+ (3.8%); menstruação (3.8%); igualdade social (3.8%); cotidiano (3.8%); hábitos de saúde (3.8%); não responde/não sabe (3.8%) (Figura 1).

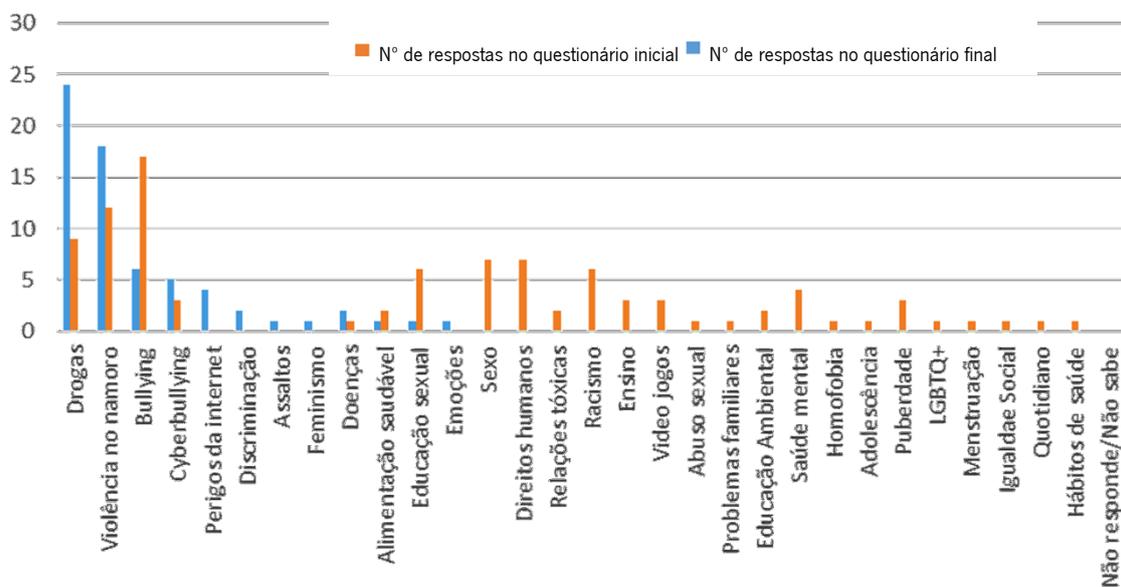


Figura 1. Temas/ problemas que gostavam mais de abordar no PNEP este ano letivo e no próximo ano letivo

Quando analisamos no final do projeto as concepções dos alunos sobre bullying observamos que a maior parte deles considerou que era agredir fisicamente alguém (57.7%), agredir verbalmente alguém (38.5%), fazer mal a alguém (38.5%) e agredir psicologicamente alguém (34.6%) (Figura 2).

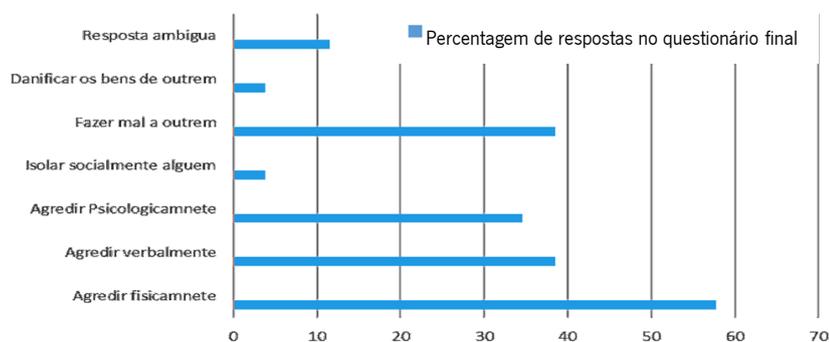


Figura 2. Concepções sobre bullying

Observou-se que 3.8% dos alunos considerou que isolar alguém também faz parte do conceito de bullying e outros 3.8% considerou que danificar os bens de outrem também é considerado bullying. É de acrescentar que 11.5% dos alunos deu uma resposta ambígua.

Quando se perguntou aos alunos como se pode prevenir o bullying, observamos que os alunos denunciariam o agressor (46.2%), pediriam ajuda (38.5%), interviriam se estivessem perante um caso (15.4%) e ignorariam o agressor (11.5%). Podemos observar que, apesar de a maior parte denunciar o agressor e/ou pedir ajuda a alguém, ainda existem alunos que optariam por “fugir” ao assunto, como por exemplo ignorar o agressor (11.5%), mudar de escola (3.8%) ou não partilhar os seus pontos fracos (3.8%).

Como exemplo de situações onde ocorre cyberbullying, os alunos consideraram o agredir verbalmente alguém através da internet (65.4%), chantagear e /ou ameaçar alguém através da internet (42.3%) e partilhar fotografias e informações de outrem na internet (26.9%) (Figura 3).

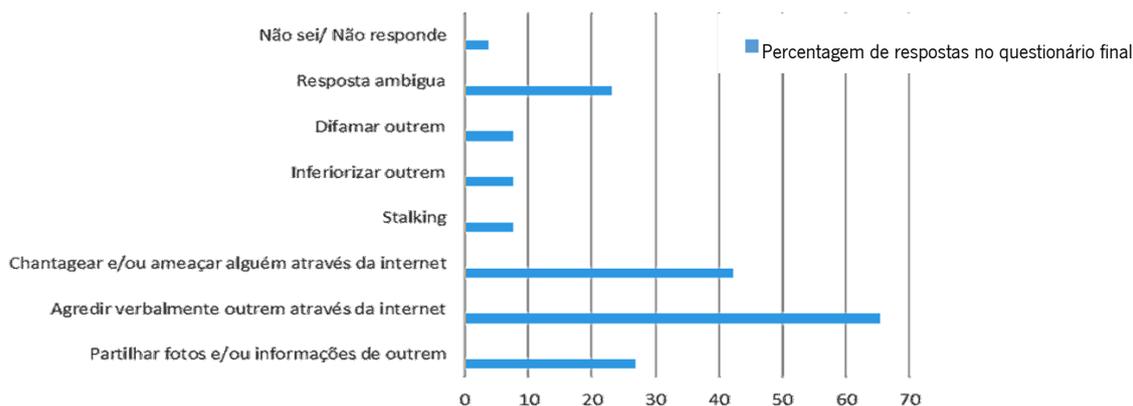


Figura 3. Situações em que ocorre cyberbullying

Apesar de a maior parte ter respondido que a agressão verbal, a partilha de informações e o chantagear/ameaçar seriam situações de cyberbullying, podemos observar que os alunos também consideram que inferiorizar (7.7%), difamar (7.7%) e perseguir alguém (7.7%) também são casos de cyberbullying. É de referir também que houve quem não soubesse ou não respondesse (3.8%) e quem respondesse ambigualmente (23.1%).

Para prevenir o cyberbullying, os alunos referiram que não se devia falar com estranhos (34.6%), devia bloquear-se o agressor (30.8%), não partilhar informações pessoais (26.9%), denunciar o caso (15.4%), não ceder a chantagens (11.5%) e não aceder a sites ilegais (11.5%). Apesar destas respostas adequadas, existiram respostas que não seriam as mais acertadas como por exemplo o não ter telemóvel (3.8%).

Quanto à conceção dos alunos em relação a violência no namoro, podemos observar algumas diferenças em comparação com o questionário inicial. Houve aquisição de novos conceitos e a percentagem dos alunos que respondeu “Não sei/Não responde diminuiu. Nos dois questionários, a maioria referiu que existia violência no namoro quando havia agressão física (Qf=50%; Qi=69.2%), quando alguém controla o parceiro(a) (Qf=34.6%; Qi=19.2%), quando se isola socialmente o parceiro(a) (Qf=30.8%; Qi= não foi referido), agressão verbal (Qf=23.1%; Qi=11.5%) e agressão psicológica (Qf=19.2%; Qi=3.8%) (Figura 4).

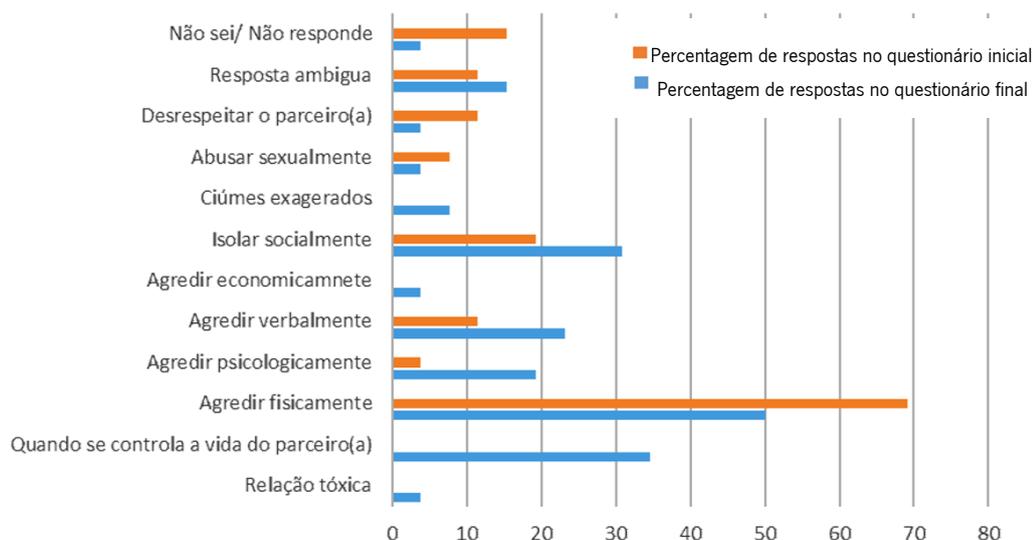


Figura 4. Conceção de violência no namoro no questionário inicial e final

No questionário final ainda foram referidos outros aspetos da violência no namoro: o ciúme exagerado (7.7%), desrespeitar o outro (3.8%), relação tóxica (3.8%) e agressão económica (3.8%).

No que se refere a drogas legais, os alunos responderam corretamente a cafeína (100%) e, conseqüentemente, a maioria respondeu a teofilina (76.9%), a teobromina (61.5%), o tabaco (57.7%) e o álcool (38.5%) (Figura 5).

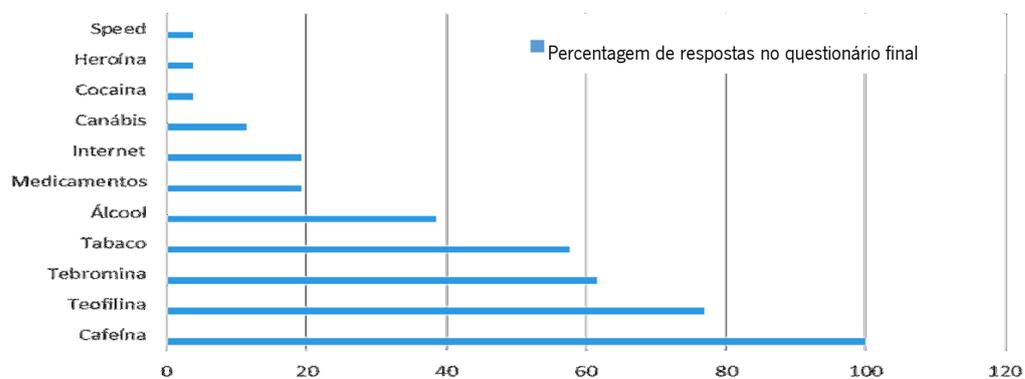


Figura 5. Drogas legais

Apesar da maior parte ter respondido corretamente, houve quem respondesse de forma errada por exemplo canábis (11.5%), cocaína (3.8%), heroína (3.8%) e speed (3.8%).

Os alunos explicaram que escolheram as drogas legais acima referidas, porque causam vício/dependência (61.5%) e prejudicam a saúde (23.1%). Apesar de existirem respostas corretas, os alunos confundiram drogas lícitas com drogas ilícitas, daí existirem respostas como o facto de haver perda de noção da realidade (3.8%) e o facto de conter alucinogénios (3.8%). Acrescenta-se ainda que a percentagem de respostas ambíguas foi grande (19.2%).

Quando se perguntou aos alunos quais eram as drogas ilícitas, o maior número disse a cocaína (92,3%), o ecstasy (92.3%), os cogumelos mágicos (96.2%), o LSD (84.6%), a heroína (88.5%), o crack (80.8%), a canábis (76.9%) e o speed (53.8%) (Figura 6).

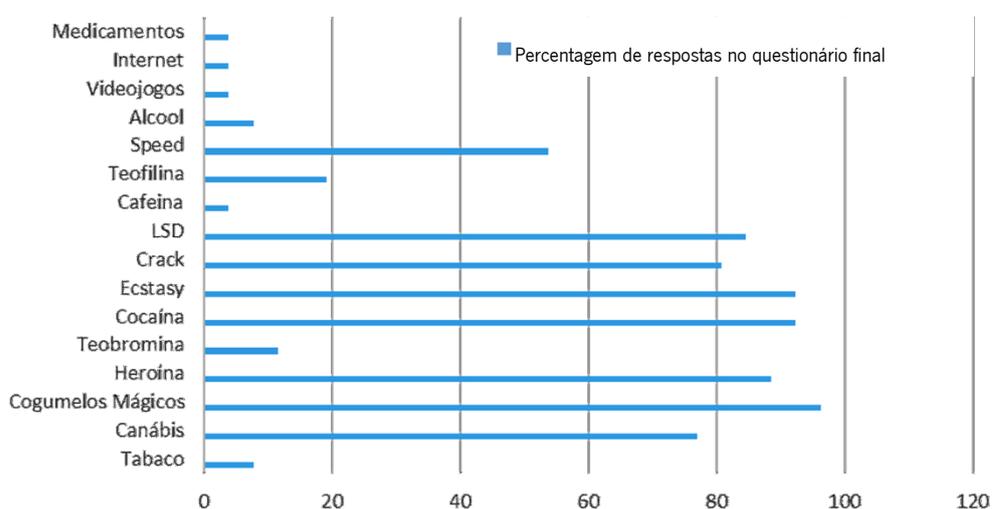


Figura 6. Drogas ilícitas

Apesar de existirem respostas corretas, os alunos confundiram drogas ilícitas com drogas lícitas daí existirem respostas como a teofilina (19.2%), teobromina (11.5%), tabaco (7.7%), álcool (7.7%), entre outros.

Em relação à importância da prevenção do consumo de drogas, os alunos consideraram a prevenção um fator importante porque as drogas causam dependência/vício (34.6%), prejudicam a saúde (30.8%), levam à morte (19.2%) e são alucinogénios (11.5%). Além destas respostas, os alunos ainda deram respostas interessantes como o facto de as drogas originarem o tráfico (7.7%). É de salientar que a percentagem de respostas ambíguas foi grande (19.2%).

O que os alunos gostaram mais no projeto, foi o tema drogas (34.6%), todos os temas (30.8%), tudo (19.2%) e os voluntários da FPCCS (11.5%). Uma pequena percentagem ainda

gostou da violência no namoro (7.7%) e do tema bullying (3.8%). Explicaram que gostaram dos assuntos acima referidos porque foram interessantes (38.5%), são temas importantes (30.8%), elucidaram para as consequências desses problemas (26.9%) e porque os ajudou a perceber como poderiam prevenir-se (19.2%).

Os alunos ainda referiram que no projeto não gostaram de partilhar a sua própria opinião (26.9%), do tema violência no namoro (19.2%), do tema bullying (15.4%) e de realizar questionários (15.4%), de ter havido muitas sessões online (7.7%) e ter havido poucas sessões (7.7%), apesar de terem tido a 12 sessões previstas.

Relativamente à opinião sobre a BUI, os alunos afirmaram que os voluntários foram simpáticos (73.1%), divertidos (42.3%), explicaram bem todos os assuntos abordados (38.5%), foram interessantes (7.7%), compreensivos (3.8%), amigáveis (3.8%), prestáveis (3.8%), comunicativos (3.8%) e inteligentes (3.8%).

Considerações Finais

Os resultados apresentados permitem-nos concluir que os alunos desta turma de 7º ano de escolaridade melhoraram os seus conhecimentos sobre o bullying, o cyberbullying, a violência no namoro, os consumos e as novas dependências, o que os poderá levar no futuro a prevenir estas situações se surgirem na sua vida e/ou na vida das pessoas que conhecem.

Também é de enorme importância referir que este projeto é um contributo para o desenvolvimento das competências pessoais dos jovens que nele participaram. A mudança de comportamentos na interação com os pares e nas respostas dadas quando questionados sobre os vários temas foi notória à medida que se implementavam as sessões.

Para terminar, também é importante salientar que os alunos gostaram da dinâmica do projeto de educação pelos pares e atribuíram boas qualidades pessoais e profissionais aos voluntários, estudantes universitários, que trabalharam com eles. Esta avaliação positiva pode ser um bom indicador de que a formação dos voluntários proporcionada pelo CAOJ e o seu acompanhamento pelos professores destacados para o CAOJ pelo Ministério da Educação são eficazes na formação dos voluntários e trabalho das BUI.

Sendo assim, uma das principais implicações da reflexão sobre este projeto é mostrar sem dúvida alguma, que este projeto poderá ser implementado em várias escolas, várias turmas e em outros contextos com alunos da mesma faixa etária. As atividades descritas também podem

inspirar outros voluntários ou professores que queiram trabalhar estes temas e tenham como objetivo contribuir para que as escolas sejam escolas promotoras de saúde.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, M. (2005). Violência en las escuelas: un gran desafío. *Revista Iberoamericana de Educación*, 38, 53-66.
- Afonso, J., Teixeira, F. (2015). Olhares sobre a violência no namoro: um projeto com adolescentes do ensino secundário. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2, 504-523.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2014). *Recortes de Imprensa*. Acedido em: http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Clipping_Janeiro_2014.pdf
- Branden, N. (1996). *O Poder da auto-estima* (6ª edição). São Paulo: Editora Saraiva. Visualizado em: https://issuu.com/stephanidesouzagoncalves/docs/livro_o_poder_da_autoestima_na_thani
- Branden, N.(1995). *Auto-estima: Como aprender a gostar de si mesmo*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Candau, V. M., Lucinda, M. D. C., & Nascimento, M. D. (1999). *Graças. Escola e Violência*. Rio de Janeiro: DPA.
- Dixe, M., Rodrigues, A., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M.& Dias, T. (2010). A Violência de Género na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência. In *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga, 2010*. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.8/334>
- Félix, D. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Acedido em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6891>
- Ferreira, J. P. (2013). *Stalking como forma de Violência nas Relações de Namoro*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada, Portugal. Acedido em <http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/6243>
- Gomes, L. (2017). *Violência no Namoro na Adolescência*. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, Portugal. Acedido em <http://hdl.handle.net/10400.19/4531>

- Martins, E.F.P., Dantas, M.L.Q., Pinheiro, F.L. (2011). Autoconhecimento e autoestima. *Revista de Psicologia*, 5(15), 37-47.
- Olweus, D., Limber, S., & Mihalic, S. F. (1999). Blueprints for violence prevention, Book nine: Bullying prevention program. Boulder. *Center for the Study and Prevention of Violence*, 12(6), 256-273.
- Schultheisz, T. S. V. & Aprile, M. R. (2013) Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 5(1), 36-48.
- Serra, A. V. (1988) O auto-conceito. *Revista Análise Psicológica*, 2 (VI): 101-110
- União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) (2020). *Estudo Nacional sobre violência no namoro 2020*. Retrieved from <https://www.cig.gov.pt/2020/02/divulgados-dados-do-estudo-nacional-violencia-no-namoro-2020/>
- Ventura, M., Ferreira, M., & Magalhães, M. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 11, 95-103. Acedido em https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/pdfs/Ventura_Frederico-Ferreira_Magalhaes_2013_dating_violence.pdf
- Vilaça T., Aguiar, F.F., Duque, A., Barros, D., Teixeira, & Vilaça H. (2017). Potencialidades do Projeto Nacional de Educação Pelos Pares da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A Sida” em instituições não escolares. In T., Vilaça, C. Rossi, C., Ribeiro, & P., Ribeiro (Eds.), *Lições Aprendidas na Formação e Práticas Docentes na Educação em Sexualidade* (pp.121-138). Braga: UMinhoCIEC. (ID: <http://hdl.handle.net/1822/52346>)

FORMAÇÃO, MEDIAÇÃO E SUPERVISÃO

**DESAFIOS, DESIGUALDADES,
EMERGÊNCIAS E RESPOSTAS
EM TEMPO DE COVID-19**

**TRAINING, MEDIATION
AND SUPERVISION**

**CHALLENGES, INEQUALITIES, E
MURGENCIES AND ANSWERS
IN THE TIME OF COVID-19**

Copyright © 2021 pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança,
Instituto de Educação, Universidade do Minho
Todos os direitos reservados
Impresso em Portugal
www.ciec-uminho.org

ISBN 978-972-8952-76-1

*Copyright © 2021 by the Research Center on Child Studies,
Institute of Education, University of Minho
All rights reserved
Printed in Portugal
www.ciec-uminho.org*